

CAROLINA PARA ALÉM DO TESTEMUNHO

¹Elizabete Farias de Castro

²Lays Pedrosa Pereira

³Luciana Piva Coronel



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG

“Então “vem o poeta e divisa na massa amorfa que passa pela rua uma figura humana, mulher, homem, velho, jovem, criança; em um relance, o que era sombra errante vira gente. O que era espaço opaco transparece varado pela luz da percepção amorosa ou perplexa, mas sempre atenta. Aquele vulto que parecia vazio de sentido começa a ter voz, até mais de uma voz, vozes”

Alfredo Bossi

“Li um pouco. Não sei dormir sem ler. Gosto de manusear um livro. O livro é a melhor invenção do homem.”

Carolina Maria de Jesus

Resumo: A presente análise foi feita a partir do corpus *Quarto de Despejo: Diário de uma favelada* (2007), de Carolina Maria de Jesus, com a revisão editorial de Audálio Dantas. O objetivo deste trabalho consiste em evidenciar a literariedade na escrita da autora, considerada secundária pela crítica literária na época de sua estréia, diante da origem de sua autoria e de seu teor de denúncia social, mas que atraiu, por longo tempo, uma preferência exclusiva dos meios de comunicação. O propósito é discutir tais assuntos, a partir dos conceitos de diversos teóricos, e evidenciar que a voz de Carolina ultrapassa esse lugar em que a puseram, como “Voz da favela”. Como fundamentação teórica são usados os conceitos de Pierre Bordieu e Magda Soares, relacionados aos estudos da

¹Acadêmica do 5º semestre do curso Letras Português e Espanhol Noturno;

² Acadêmica do 5º semestre do curso de Letras Português e Inglês;

³Professora associada de literatura Brasileira da FURG e Coordenadora do projeto.

dinâmica da cultura contemporânea. Também serão utilizados os conceitos de Delfino Rosa, Paula Lopes, entre outros, relacionados aos conceitos de literariedade.

Palavras-chave: Carolina Maria de Jesus; *Quarto de despejo*; literariedade; dominação simbólica; denúncia social

O escopo deste trabalho é evidenciar a força poética de em *Quarto de despejo*. Cabe, também, pensar em porque esta obra não teve sua identidade literária reconhecida. Na nossa perspectiva, há três possíveis explicações para tal recusa: a primeira prevê que a compilação de textos feita pelo editor do livro, Audálio Dantas, o transformou em uma obra diferente da original; a segunda, que a própria condição social de Carolina fez com que ela fosse discriminada pelo meio literário canônico; já a terceira, na qual nos prenderemos neste artigo, diz respeito propriamente sobre a construção de seu texto, escrito no gênero textual diário, não considerado “literário”, e que não dispunha do prestígio da linguagem padrão. Por último, trataremos questões teóricas a respeito do que se constitui “literariedade” e fragmentos do livro, a fim de evidenciar a linguagem poética presente no mesmo.

Apesar de Carolina conseguir realizar seu sonho e publicar seu primeiro livro, Audálio Dantas destacou em seu diário o que era relevante aos olhos dele e deixou de fora todo um restante significativo. Na sua edição, a voz da autora ganhou destaque histórico e testemunhal. Essa voz social, por muito tempo, ocultou a voz individual e poética de Carolina. No prefácio da oitava edição do diário, Audálio Dantas confirma essa tese dizendo que “A repetição da rotina favelada, por mais fiel que fosse, seria exaustiva. Por isso foram feitos cortes, selecionados os trechos mais significativos.”. (JESUS, 2005, p. 3)

Em um artigo intitulado “A censura ao direito de sonhar em *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus”, Luciana Paiva Coronel destaca a fragilidade do pensamento de “relevância” contida na fala de Audálio: “O jornalista parece não perceber que “importante” e “desimportante” são juízos de valor e não termos de sentido incontroverso e que, portanto, os livros que chegaram ao público configuraram a “sua” versão dos diários de Carolina.” (CORONEL, 2014, p. 282)

A compilação de fragmentos do diário de Carolina definiu uma personalidade apenas social para a autora, uma voz que fala coletivamente, em nome de outras pessoas. No artigo “Produção e Recepção de *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus: Relações Publicitárias, Contextuais e Editoriais” Elzira Divina Perpétua defende que a edição de Audálio imprimiu uma “certa Carolina”, que atendia a um propósito diferente da autora:

Por outro lado, a leitura cotejada dos manuscritos de *Quarto de Despejo* (ITÁLICO) com o respectivo livro veio confirmar a hipótese de que o processo de editoração, dado o grande número de supressões e o critério seletivo do editor, o transformou num outro texto. (PERPÉTUA, 2002, p.33)

Portanto, Carolina só chegou até nós, em seu livro *Quarto de Despejo*, mediada por outras vozes que possuíam prestígio social para autorizar seu discurso. Além disso, só circulou onde permitiram que o fizesse, onde ela atenderia às necessidades do mercado, que sempre almeja por novidades:

Aos 46 anos, a catadora mineira oferecia um produto diferenciado a um mercado de bens simbólicos sedento por novidades. Uma vez que a dinâmica propulsora da cultura de massa já era pautada pela busca do novo, o frescor da escrita de Carolina, em todos os sentidos distinta do padrão das publicações convencionais, atendia aos interesses deste mercado, sendo comercializada com grande sucesso. (CORONEL, 2011, p. 1)

Seja no recorte de Audálio, seja no recorte de outros, essa mediação sempre existirá. O que teremos no presente trabalho, então, é uma Carolina sob a perspectiva de alguém. Pretende-se dar destaque à voz poética dessa Carolina, destacando e analisando passagens da obra. Certamente, pensar em Carolina - uma mulher, negra e pobre, favelada, mãe solteira e sem dispor do conhecimento da norma padrão da língua - escrevendo, já explicaria esse processo. Sua identidade cultural, a partir de Pierre Bourdieu, não possui uma potência significativa:

No universo social, além de bens materiais – força de trabalho, mercadorias, serviços -, circulam também *bens simbólicos* – informações, conhecimentos, livros, obras de arte, música, teatro; (...) a estrutura social organiza-se através da troca de bens, materiais ou simbólicos. (...) Numa sociedade capitalista, essa troca *cria relações de forças materiais*, em que se opõe “possuidores” e “possuídos” (...) e *relações de forças simbólicas*, em que a posse e a dominação não se dão por meios materiais, mas de meios simbólicos. (BOURDIEU apud SOARES, 2017, p. 88).

Essa vulnerabilidade da identidade cultural de Carolina, que limita sua participação no que Bourdieu chama de *relações de forças simbólicas*, atribui-se ao preconceito social. Magda Soares refere-se a esse preconceito como *ideologia da deficiência cultural*. Esta ideologia defende que pessoas como Carolina, por estarem desfavorecidas econômica e socialmente, sofrem uma privação cultural. Evidentemente, acreditar em deficiência cultural é, pois, acreditar que existem culturas superiores a outras, o que, por sua vez, não possui nenhum embasamento sociológico ou antropológico.

Apesar de reconhecermos que a situação sociopolítica e cultural de Jesus teve um papel significativo no que chamamos de imposições de barreiras a seu discurso poético, limitando-o a um registro social e documental, trataremos também de questões pertinentes ao texto, isto é, sobre qual,

ou quais características lhe conferem sua identidade como um texto literário. Antes, no entanto, apresentaremos algumas críticas a cerca do livro *Quarto de despejo*.

Mas Carolina deixou com “*Quarto de despejo*” um dos mais eloqüentes e verdadeiros retratos da vida de um favelado. Nessa obra cruel, sórdida e ao mesmo tempo tão humana, Carolina Maria de Jesus descreveu com a experiência de sua própria vida as subumanas condições de milhões de brasileiros. (JESUS, S/d p.182)

Nessa passagem, Carolina é descrita como a responsável por “descrever” sua miséria e a de seus semelhantes, mas sabemos que ela faz muito mais do que isso. Ela não descreve pura e cruamente sua vida, mas a conta para nós através de diversas figuras de linguagem, não se limitando ao uso cotidiano de seu dizer:

Ao escrever um diário – um gênero de texto em princípio pessoal e intransferível -, Carolina Maria de Jesus ultrapassou os limites individuais e deu voz à coletividade miserável e anônima que habita os barracos e os vãos das pontes nas grandes cidades brasileiras. (JESUS, 1994, p. 169)

Nessa outra passagem acima, ela é tida como alguém que deu uma voz, através da sua, à coletividade. Do ponto de vista sócio-discursivo, uma voz é sempre influenciada por outras vozes e, ainda assim, um discurso é sempre pessoal e irrepetível. Carolina não precisaria “ultrapassar os limites individuais” para que sua voz se encontrasse com outras mais; a tentativa aqui é a de deslegitimar a voz poética da autora, que escreve de si e fala de seus sentimentos, tornando-a simples porta-voz de uma causa social:

Mas, acima da excitação dos consumidores fascinados pela novidade, pelo inusitado feito daquela negra semi-analfabeta que alcançara o estrelato e, mais do que isto, ganhara dinheiro, pairava a força do livro, sua importância como depoimento, sua autenticidade e sua paradoxal beleza. (JESUS, 2005, p.5)

Nessa passagem, vemos o espaço que *Quarto de Despejo* já estava predestinado a ocupar: o de um depoimento, e não o de uma obra literária. Além disso, o termo “paradoxal beleza” sugere que “algo é belo, mas...”. O que faltou em *Quarto de Despejo* para que fosse considerado uma bela obra? Linguagem padrão ou autoria hegemônica? Em uma outra crítica, contida no prefácio da obra de Carolina, escrito por Fernando PY, encontramos a seguinte apresentação “(...) Carolina Maria de Jesus é já falecida, mas seu livro permaneceu e permanecerá sempre. Um documento vivo de uma

época, de uma sociedade, de um estado de coisas (...).” (JESUS, 1983). Nesta passagem, sua literariedade é completamente jogada no lixo e uma obra é tida como um documento!

Por último, mas não menos assustadora, temos a passagem a apresentação da edição de 2005 parece que tenta, além de deslegitimar, ofender a autora e sua obra, chamando *Quarto de Despejo* de tosco e acabrunhante e definindo Carolina como uma patética Cinderela. Esse trecho fala do sucesso de Carolina, que está brilhando “sob as luzes da cidade”. Como alguém pode brilhar tendo o próprio livro apresentado de tal maneira?

O sucesso do livro – uma tosca acabrunhante e até lírica narrativa do sofrimento do homem relegado à condição mais desesperada e humilhante da vida – foi também o sucesso pessoal de sua autora, transformada de um dia para o outro numa patética Cinderela, saída do borralho do lixo para brilhar intensamente sob as luzes da cidade. (JESUS, 2005, p.4)

O que confere a um texto e o distingue de outros tantos tipos e gêneros textuais como um texto literário? Essa questão vem sendo amplamente discutida e, no entanto, parece que reconhecemos como literatura aquilo que nos apresentam como literatura, vozes sociais que, por possuírem prestígio e autoridade, dizem o que é e o que não é uma obra literária. Há, porém uma característica que confere aos textos uma identidade, tal os faça ser reconhecidos como literatura, chama-se literariedade.

A literariedade da qual falaremos aqui começou a ser discutida pelos formalistas russos, ou Círculo de Moscou. Deflino Neto da Silva Rosa, em seu texto “Estudo sobre o conceito literariedade, pensamento pragmatista e a estética popular na construção da identidade cultural na pósmodernidade do gênero Hip-Hop/Rap” (2016), explica-nos muito claramente tal conceito e o aplica para analisar o RAP, uma forma de arte ainda marginalizada, mas com grande teor literário, como ele comprova. Citando Terry Eagleton para falar de Roman Jakobson, Rosa traz a afirmativa do formalista russo, que embasou o trabalho com a literariedade do Círculo de Moscou, de que a escrita literária simboliza uma “violência organizada contra a fala comum” (EAGLETON, 2006, p.3).

Segundo Delfino Neto da Rosa Silva, a literariedade se dá a partir do afastamento da fala cotidiana e da aproximação com a peculiaridade em um discurso, fazendo com que a linguagem chame atenção sobre si mesma. Com essa definição, entendeu-se que “a literatura não era uma pseudo-religião, ou psicologia, mas uma organização particular da língua” (ROSA, 2016, p. 3). Esse movimento, porém, não significa uma valorização da forma, mas a consideração do conteúdo da

escrita como “fundamentação da forma, uma ocasião ou pretexto para um tipo específico de exercício formal” (ibidem, p. 3). O produto de tal movimento sempre aparece na obra de Carolina; este seria não dizer que se está faminta, mas sim que “o mundo ficou amarelo”:

“Resolvi tomar uma média e comprar um pão. Que efeito surpreendente faz a comida no nosso organismo! Eu que antes de comer via o céu, as árvores, as aves, tudo amarelo, depois que comi tudo normalizou-se. E, após a saciez, não pensar no conforto do estômago, mas refletir sobre como os seres humanos precisam de comida para funcionar, assim como as máquinas precisam de combustível. (JESUS, 2007, p. 45-46)

Embora seja possível perceber que Jesus não domina a norma padrão da língua portuguesa, como em, por exemplo, “normalizou-se” no qual a autora utiliza o pronome posposto equivocadamente, percebemos que ela consegue utilizar perfeitamente recursos de linguagem como metáforas, nas quais Carolina atribui, por exemplo, uma cor para a fome. Outro recurso que percebemos nesse trecho da obra é a analogia que a autora faz entre o ser humano e uma máquina de produção, “A comida no estomago é como combustível para as máquinas. Passei a trabalhar mais depressa”. (JESUS, 2007, p. 45-46)

Embora a escrita de Carolina esteja ancorada em sua vivência sua obra não pode estar agarrada como se o único espaço a qual ela pertencesse fosse a favela do Canindé, ou como se a única coisa que ela pudesse discorrer fosse sobre a fome. Nenhum escritor literário canônico está dissociado de um espaço social e de uma vivência individual, no entanto, não vemos essas questões serem o que de fato mais significa em suas obras, ou seja, se lermos *Dom Casmurro* de Machado de Assis, por exemplo, nos debruçaremos na obra e não na história de vida de Machado. Por que ao ler Carolina Maria de Jesus temos antes de enfatizar questões que não são pertinentes ao texto? Obviamente, não tentamos aqui comparar Jesus com Machado de Assis ou qualquer outro autor, queremos apenas suscitar a reflexão de que Carolina e *Quarto de despejo* estão além da fome e da favela. No fragmento a seguir é possível ver a beleza como Carolina descreve um sonho e como a linguagem está a serviço do poético e do imaginário:

... Eu durmi. E tive um sonho maravilhoso. Sonhei que era um anjo. Meu vestido era amplo. Mangas longas cor de rosa. Eu ia da terra para o céu. E pegava as estrelas na mão para contemplá-las. Conversar com as estrelas. Elas organizaram um espetáculo para homenagear-me. Dançavam ao meu redor e formavam um risco luminoso.(JESUS, 2007, p. 121)

Para Delfino Neto da Silva Rosa , “determinar uma obra como literária é remontar na linguagem a sua função estética, de modo que o objeto literário traga em si não uma literatura, mas uma literariedade, isto é, aquilo que torna determinada obra uma obra literária” (ROSA, 2016).

Assim sendo, por que Carolina, mesmo tendo a capacidade de compor os belos trechos já apresentados como qualquer outro poeta, não teve imediato reconhecimento? Jaime Ginzburg, em seu texto “Linguagem e trauma na escrita do testemunho”, nos explicará que

O problema do valor do texto, da relevância da escrita, não se insere em um campo de autonomia da arte, mas é lançado no âmbito abrangente da discussão de direitos civis, em que a escrita é vista como enunciação posicionada em um campo social marcado por conflitos, em que a imagem da alteridade pode ser constantemente colocada em questão. (GINZBURG, 2008,)

Com isso, vemos que o valor da escrita de Carolina não foi analisado pela crítica literária da época *per se* – uma obra de arte - mas como enunciação posicionada - o diário perigosamente interessante da negra favelada - em um campo marcado por conflitos - um país que abolira a escravidão apenas no papel. Percebemos também que o conceito de literariedade em nada depende da gramaticalidade, falta tão mencionada na escrita de Carolina.

Em um artigo intitulado “Literatura e Linguagem literária”, Paula Cristina Lopes, a partir de Carlos Reis, apresenta três premissas para que uma obra seja considerada literária: “A literatura é um discurso, um conjunto de enunciados; A obra literária pertence à classe de mensagens dirigidas a uma audiência; A audiência reconhece esse discurso como discurso literário e artístico (estética/valor estético). Ainda no artigo “Literatura e linguagem literária”, é abordada a definição de Todorov, que afirma que a literatura “é uma linguagem instrumental e o seu valor reside nela própria (...) a função poética é a que coloca o acento sobre a própria mensagem:

... O céu é belo, digno de contemplar porque as nuvens vagueiam e formam paisagens deslumbrantes. As brisas suaves perpassam conduzindo os perfumes das flores. E o astro rei sempre pontual para despontar-se e recluir-se. As aves percorrem o espaço demonstrando contentamento. A noite surge as estrelas cintilantes para adornar o céu azul. Há várias coisas belas no mundo que não é possível descrever-se. Só uma coisa nos entristece: os preços, quando vamos fazer compras. Ofusca todas as belezas que existe. (JESUS, 2007, p.44)

No fragmento acima é possível reconhecer a linguagem poética de Carolina, ainda que tenha um cunho de crítica social. Nesse fragmento está representado o fato de que, mesmo quando Carolina discorre sobre a dificuldade de sua situação econômica a modo como faz, os recursos lingüísticos que utiliza conferem a esta obra uma dimensão artística. Sendo esta obra, *Quarto de despejo*, uma manifestação artística da linguagem, Carolina não está documentando a realidade,

como afirmam algumas críticas, mas sim, imitando e ficcionalizando a realidade. Segundo Todorov essa é a primeira definição estrutural da literatura, a ficção.

Neste ainda começo de século XXI, já se vê avanços a esse respeito na crítica artística, em geral. Tendências historicamente marginalizadas têm sido colocadas no centro e consumidas pela grande maioria brasileira. Textos como *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis (autora com quadro semelhante ao de Carolina, mas com o agravante de escrever um século antes) estão sendo conhecidos, procurados e contemplados pelo senso comum de “cânone”. No entanto, sabe-se que o caminho a percorrer é longo. Só podemos encurtá-lo despindo nossa mente e nossa criticidade de preconceitos de todos os tipos e reconhecendo textos, como o de Carolina Maria de Jesus, como realmente são: obras literárias.

REFERÊNCIAS

CORONEL, Luciana Paiva. A censura ao direito de sonhar em *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus. In: *Revista Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*. Disponível em: [HTTP://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S231640182014000200013&lng=pt&tln g=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S231640182014000200013&lng=pt&tln g=pt); Acesso em: 02/03/2018.

CORONEL, Luciana Piva. A escrita marginal brasileira no cenário cultural do capitalismo tardio. 2011. Disponível em: <http://repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/4166/A%20escrita%20marginal%20brasileira%20no%20cen%C3%A1rio%20cultural%20do%20capitalismo%20tardio.pdf?sequence=1>

Acesso em: 15/04/2018

GINZBURG, Jaime. *Linguagem e trauma na escrita do testemunho*. Conexão Letras: Porto Alegre, 2008.

JESUS, Carolina Maria. *Quarto de despejo: Diário de uma favelada*. Editora Ática; São Paulo. 2005

JESUS, Carolina Maria. *Quarto de despejo Diário de uma favelada*. Editora Ática, São Paulo. 1994

JESUS, Carolina Maria. *Quarto de despejo: Diário de uma favelada*. 10ª edição 1983.

JESUS, Carolina Maria. *Quarto de despejo Diário de uma favela*; Editora Ática: São Paulo, 2007.

LOPES, Paula Cristina. Literatura e linguagem literária. In: WWW.bocc.ubi.pt. Acesso em 13/04/2018. SOARES, Magda. *Linguagem e escola: uma perspectiva social*; Editora Contexto: São Paulo, 2017.

PERPÉTUA, Elzira Divina. *Produção e Recepção de Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus: Relações Publicitárias, Contextuais e Editoriais; Em Tese; Belo Horizonte, v. 5; 2002. ROSA, Delfino Neto da Silva. *Estudo sobre o conceito literariedade, pensamento pragmatista e a estética popular na construção da identidade cultural na pósmodernidade do gênero Hip-Hop/Rap*. UnB: Brasília, 2016.

